

## **Escrevendo histórias: Experiências significativas de grupos de teatro sediados na zona leste da cidade de São Paulo**

Programa de Pós-graduação em Artes - UNESP

Professor do Departamento de Artes Cênicas, Educação e Fundamentos da Comunicação

Palavras-chave: história do teatro paulistano - teatro de grupo paulistano - grupos paulistanos de teatro da Zona Leste

A cidade de São Paulo ocupa uma área de 1.525 km<sup>2</sup>. A Zona Leste da cidade é um fenômeno em diversos aspectos: 4.000.000 de moradores, ausência de infraestrutura (também cultural); desconhecimento do que nela se pratica e da gente que nela vive. Algo se sabe sobre os bairros mais próximos do centro ou daqueles atravessados pelo metrô ou pela grande artéria conhecida como Radial Leste. Sabem todos tratar-se de território de migrantes, sobretudo nordestinos.

A região passa a ser mais conhecida culturalmente por ações da administração de Marta Suplicy: construção dos Centros de Educação Unificados (CEUs) e pela Lei de Fomento ao Teatro do Município de São Paulo, que ampliou o trabalho de diversos grupos de teatro, em território cuja área é de 298,8 km<sup>2</sup>. Dez desses grupos, com trabalho de pesquisa continuada são aqui destacados. Com certas características comuns, os grupos transitam com proposições épicas; apresentam-se em espaços abertos e fechados; juntam expedientes do teatro popular e do erudito; a totalidade apresenta espetáculos populares e sofisticados, acessíveis a todos sem cobrar ingresso pelo fato de terem patrocínios públicos.

**II Trupe de Choque** - Em 2000, estudantes da ECA-USP criam um grupo de estudos que da origem à II Trupe de Choque. Na Universidade, o coletivo apresenta Heiner Muller e Bertolt Brecht e intervenções, a partir de artigos da Constituinte em bairros da cidade.

De 2003 até 2006, o coletivo, com apoio da Lei Municipal de Fomento, desenvolve oficinas artísticas e apresenta o espetáculo *Miopia*, na abandonada Usina de Compostagem de Lixo de São Mateus; de 2007 a 2010, desenvolve o projeto *Corpos Acumulados*, no Hospital Psiquiátrico Pinel, e a criação de Núcleos Peripatéticos de Pesquisa, por meio dos quais investiga nas relações de trabalho a transformação dos corpos em mercadoria.

Pela união de diversas linhas estéticas, lastreadas em abordagem épica, as propostas artístico-pedagógicas do Grupo objetivam revitalizar espaços públicos abandonados e dar-lhes, por meio do teatro, uma dimensão cultural, priorizando o diálogo com a comunidade.

**Buraco d'Oráculo** - grupo formado a partir de oficina e espetáculo dirigido por Joca Andreazza, na Casa de Cultura Mazaroppi. Com 10 anos de estrada, depois de alguns

espetáculos em caixa e espaços alternativos, o Grupo assume-se “de rua” e adota a Zona Leste como seu espaço prioritário de apresentação.

Atualmente, encontra-se em cartaz, com alusão a Guimarães Rosa, *Ser TÃO ser: narrativas de outra margem* que apresenta dramaturgia fundamentada em relatos de moradores da região e suas dificuldades com a moradia e a existência.

Do ponto de vista estético, o Buraco tem depurado a *mimese* e a *diégese*, por meio de temáticas populares, em espetáculos cuja forma e conteúdos transitam tanto com os expedientes mais próximos da farsa como aqueles desenvolvidos pelo épico brechtiano.

**Cia. Circo de Trapo** - grupo formado em 2002, com o objetivo de investigar: o teatro popular, o palhaço e o teatro de rua. Em 2003, a Companhia inicia processo artístico em biblioteca municipal; em 2004 e 2006, é contemplada com o Programa para a Valorização de Iniciativas Culturais (VAI), da Secretaria Municipal de Cultura, e articula literatura ao universo circense, do qual resultaram 4 espetáculos.

Desde 2008, a Companhia desenvolve o projeto "Literatura na Cesta Básica", misto de arte-educação e performance que compreende a apresentação de um espetáculo, contação de histórias e a instalação de uma banca de livros, em feiras livres.

**Cia. do Outro Eu** - alguns integrantes do grupo se conheceram em 2004, no projeto do Teatro Vocacional que acontecia no CEU – São Mateus. A partir daí, em 2006 houve uma reunião para ler o texto *Rosinha, asas do meu sertão* de Leo Gatti: disso nasce a Cia. do Outro Eu. Formado o Grupo, seus integrantes frequentam diversas oficinas e cursos, que resultam fundamentais para a adesão do Grupo aos expedientes do teatro popular. Desde sua fundação, todas as ações passam pelo conceito de “direção diluída”, em que todos criam, pensam e se dirigem coletivamente.

Contemplado com o VAI, o Grupo desenvolve uma ação conjunta por meio do Projeto Teatro de Grupos, compreendendo apresentação de espetáculos, palestras e oficinas. A ida do grupo às ruas ocorreu para que seus trabalhos pudessem atingir a um maior número de espectadores.

**Cia. Estável** - coletivo originalmente composto por estudantes do curso de formação de atores da Fundação das Artes de São Caetano do Sul (na grande São Paulo). Por meio de edital público, o Grupo é selecionado a ocupar o Teatro Flávio Império, em Engenheiro Goulart. Neste espaço, além de espetáculos, o Grupo promove uma série de ações com a comunidade das imediações.

Contemplado em 3 editais do Programa Municipal de Fomento, em 2005, o Grupo

firma uma parceria com o Arsenal da Esperança, no Brás, mantida pela Associações Internacionais para o Desenvolvimento, do Serviço Missionário Jovem que abriga mais de mil homens em situação de risco.

Atualmente, por meio de expedientes brechtianos, o Grupo apresenta *Homem cavalo e sociedade anônima* tratando das tentativas de liquidação da consciência na sociedade espetacularizada, cujos textos foram coletados de entrevistas com os homens do Arsenal.

**Dolores Boca Aberta Mecatrônica de Teatro** - grupo formado em 2000 e com grande número de participantes, pela mobilização de seus fundadores junto à comunidade local. Mutirão e horizontalização caracterizam os trabalhos e a organização grupal para manter espaço ocupado do poder público, em Cidade Patriarca. Reconstruído por seus integrantes, o espaço conta com galpão e arena arbórea, nos quais a prática teatral desenvolve-se em pressupostos do teatro épico brechtiano e como instrumento de construção poética do porvir numa perspectiva anarco-socialista.

Atualmente, e em proposição processional, encontra-se em cartaz o espetáculo festa-manifesto *A saga do menino diamante*, com início às 22h., que chega a receber mais de 200 pessoas por sessão aos sábados. Teatro assumidamente político e de trabalhadores, o coletivo desenvolve sua prática sem hierarquias, funções estanques, alienação, sexismos, e incentiva vontades de aprendizado conjunto. O diálogo do Grupo atinge vários setores da sociedade organizada: movimentos sociais, sociedade amigos de bairro, grupos culturais.

**Grupo XIX** - grupo formado em 2000 por estudantes da Escola de Arte Dramática (USP). O XIX - com um processo de pesquisa temática e dramaturgicamente própria voltada para a história brasileira -, nasce e se politiza durante a mobilização da classe teatral em torno do Arte Contra a Barbárie. Contemplado com a Lei de Fomento, em 2004, o Grupo estrutura-se e finca suas bases na Vila Maria Zélia (vila operária, construída em 1917). Constam do repertório do XIX: *Hysteria, Hygiene e Arrufos*, assistidos por mais de 75.000 pessoas.

Na residência, além de chamar a atenção de todos para a recuperação arquitetônico-cultural da Maria Zélia, por suas temporadas e de outros coletivos, o XIX conseguiu criar um espaço de formação, chamado Armazém 19, que já formou alguns grupos.

Com patrocínio da Petrobrás, em 2007, o XIX foi selecionado para desenvolver pesquisa por 2 anos, que se encerra - em parceria com o Grupo Espanca! de Minas Gerais - com a peça: *Marcha para Zenturo*.

**Engenho** - grupo formado em 1979, que desenvolve desde 1993 o projeto Engenho Teatral, um teatro móvel que percorre a periferia da cidade com espetáculos gratuitos dirigidos a

público que não tem acesso à produção convencional, e que no momento tenta se fixar na Zona Leste. O projeto arquitetônico foi concebido por Luiz Carlos Moreira, com uma área de 26 m de diâmetro, 9 m de altura e arena com 7,5 x 7,5 m, em forma de arena parcial (com plateias em 3 lados); para 200 espectadores; camarins; banheiros etc.

A partir da realidade e necessidades da classe trabalhadora e do encontro com esse público na periferia e em movimentos como o MST, que o Engenho seleciona seus conteúdos e busca as formas adequadas de representá-los. Tem se valido do teatro épico e da comédia popular (com mudanças significativas em suas trajetórias) para dar forma a materiais "objetivos" como globalização, desemprego estrutural, história do Brasil etc.

**Mamulengo da Folia** - formado pelo brincante Danilo Cavalcante (nascido em Canhotinho/Pe), o Mamulengo da Folia existe desde 2005. Preocupado com a extinção do teatro de mamulengo - uma vez que grupos inseridos na proposição existem apenas em Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte -, Cavalcante, sempre que possível, acompanha-se de três músicos (sanfona, triângulo e zabumba.

Na série de reflexões desenvolvidas no 1º Encontro de Mamulengo em São Paulo, de 09 a 12 de junho de 2010, organizado por Cavalcante, fica patente - que no Brasil, mesmo no Nordeste -, ser restrito o número de mamulengueiros. Desse modo, por se tratar de uma manifestação adulta, repleta de escatologias, sem eufemismos e sutilezas tão ao desagrado dos moralistas de plantão, o mamulengo, ao buscar a língua do povo, acaba por ser censurado de diferentes modos, mas participa das mais variadas atividades. Pelo caráter de sátira social, tanto a tipos como a instituições, Cavalcante mistura interessantemente a picardia e a escatologia nordestino-paulistana.

**Pombas Urbanas** - grupo fundado em 1989, em São Miguel Paulista, a partir do projeto "Semeando Asas", coordenado por Lino Rojas, e destinado, originalmente, a jovens. Em 2002, o Grupo cria o Instituto Pombas Urbanas no bairro Cidade Tiradentes, e seus espetáculos são apresentados em qualquer espaço. Nesse percurso, o coletivo já criou e apresentou onze espetáculos.

Além da produção de espetáculos, o Grupo desenvolve ações que aproximam o teatro de populações marginalizadas da cidade. Esta dedicação é coerente com a própria origem do Pombas, que se propõe a permanentes processos de troca com jovens da periferia, e apresenta em temporadas seus espetáculos em regiões cujas populações não têm acesso ao teatro, como parques, praças, associações de bairro e escolas.

O grupo já representou o Brasil em encontros e festivais em diversos países, e tem

sua sede no Centro Cultural Arte em Construção em Cidade Tiradentes, recuperada de galpão em ruínas de 1.600m<sup>2</sup>.